



Violência escolar: representações sociais de adolescentes de uma escola pública

Diego Raone Ferreira*

Gabrieli Patrício Rissi**

Juliana Cristina de Oliveira Cassiano Silva Florindo***

Camila Moraes Garollo Piran****

Vanessa Duarte de Souza*****

Ieda Harumi Higarashi*****

RESUMO

Objetivo: analisar a estrutura e o conteúdo das representações sociais de alunos de uma escola da rede pública de ensino a respeito da violência no âmbito escolar. **Método:** estudo qualitativo, ancorado na Teoria das Representações Sociais e Teoria do Núcleo Central. A produção dos dados aconteceu em maio e junho de 2022 mediante a técnica de associação livre de palavras, cujas evocações livres foram analisadas e processadas pelo *Software Ensemble de Programmes Permettant L'analyse des Évocations* – EVOC, versão 2005. **Resultados:** participaram do estudo 54 adolescentes escolares matriculados no Ensino Médio de uma escola pública, que associaram palavras mediante o uso de termos indutores, tendo como núcleo central para o termo *violência* o elemento violência física; para *violência escolar* o elemento *bullying*; e sobre a *violência no processo ensino e aprendizagem* não houve figuração de nenhum elemento central. A zona periférica foi composta pelos elementos: violência verbal, abuso, dor, zombaria, intrigas, abandono escolar, desinteresse e abalo psicológico, respectivamente. **Considerações finais:** as possíveis representações reforçaram a necessidade de inserir a temática violência e *bullying* de forma mais ampla nas discussões de planejamento escolar, como forma de reconhecer sua importância e promover seu combate e prevenção.

Palabras clave: Violência. Adolescente. Escolaridade. Enfermagem. Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

A violência se estabeleceu na humanidade em uma relação de submissão e poder entre agressor e vítima, atingindo diretamente sua integridade biopsicossocial. Em tempos menos longínquos, este fenômeno vem sendo associado a grupos e locais marginalizados, o que fez aumentar o fosso de desigualdades de uma sociedade capitalista e, somente com o passar dos anos, sua ocorrência tornou-se explícita a uma gama de circunstâncias e relações interpessoais, deixando de se restringir a delimitações geográficas e classes sociais⁽¹⁾.

As diferentes formas e intensidades da violência lhe atribuem um significado multideterminado e complexo. Dentre suas diferentes manifestações, é possível perceber

casos de violência física, psicológica, simbólica e virtual, motivada por questões de intolerância religiosa, preconceito e discriminação, discursos xenofóbicos e brincadeiras indevidas, sobretudo, contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos⁽²⁾.

Na adolescência, ela pode eclodir como reflexo das inúmeras transformações orgânicas, psicológicas e sociais às quais os adolescentes ficam suscetíveis, tanto na condição de vítimas quanto promotores da violência. Por esse motivo, é preciso valorizar a dimensão subjetiva e social dos adolescentes em todos os níveis de atenção, combatendo a falta de acesso ou/ perda de direitos, desigualdade, discriminação, negligência e exclusão, com o propósito de garantir a proteção desta clientela a riscos e à violência⁽³⁾.

A adolescência constitui um período do ciclo

¹Este artigo foi extraído da Tese de Doutorado intitulada "Representações sociais de adolescentes da rede pública de ensino sobre a violência escolar", defendida no ano de 2023, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (PSE/UEM).

*Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Maringá, PR, Brasil. E-mail: raonediego@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7633-2085>

**Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (PSE/UEM). Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (DEN/UEM). Maringá, PR, Brasil. E-mail: gabrielirissi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1702-4004>

***Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Maringá, PR, Brasil. E-mail: juliana.enfermeira

****Doutoranda em Enfermagem pelo PSE/UEM. Maringá, PR, Brasil. E-mail: camilagarollo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9111-9992> _enfermeira@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9546-8834>

*****Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Maringá, PR, Brasil. E-mail: vanessa_10duarte@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1754-2645>

*****Enfermeira. Doutora em Educação. Docente do PSE/UEM. Maringá, PR, Brasil. E-mail: ieda1618@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4205-6841>

vital marcado por transformações biológicas, psicológicas e sociais. Nesta fase, potencialidades e vulnerabilidades diversas se destacam, acentuando características que delineiam indivíduos com perfis desiguais que, por sua vez, influenciarão a forma com que cada um vivenciará este período de descobertas, curiosidades, experimentações e inquietudes⁽⁴⁾.

Essas mudanças, por vezes recebidas com resistência e negação, se mostram conflitantes com os padrões pré-estabelecidos, levando os adolescentes a comparações e conflitos acerca da própria imagem, numa fase na qual tendem a reproduzir padrões e buscarem reconhecimento em seus pares. O fato de algumas curiosidades e descobertas representar riscos em potencial não justifica reduzi-los a grupos ou lhes atribuir comportamentos de risco^(5,6).

Desde a década de 1980, a violência tem se demonstrado constante no cotidiano dos jovens brasileiros, com alto índice de homicídios e atentados em massa. Até 2014, o país registrou 218.580 assassinatos de crianças e adolescentes e a violência se concentrou em meninos negros, com idade acima de 17 anos. Neste período, morreram mais negros do que brancos, o equivalente a três crianças e adolescentes negros para cada branco. Somente em 2017, um quantitativo de 35.783 jovens foram assassinados no Brasil^(7,8).

Um estudo de 2019 revelou que a violência, envolvendo luta corporal, foi predominante no ambiente escolar, sendo o dobro entre meninos. A arma branca, mesmo que em número reduzido, foi considerada como objeto frequentemente utilizado, acentuando o risco à própria vida. E no tocante à violência psicológica, as meninas foram as que mais sofreram *bullying*, sob a forma de esculachos, zoações, mágoas, intimidações e humilhações, motivado pela aparência corporal, aparência do rosto e cor ou raça⁽⁹⁾. Estima-se que, a cada ano, cerca de 246 milhões de crianças e adolescentes sofrem violência escolar e *bullying* em todo o mundo⁽¹⁰⁾.

A escola pode ser compreendida como espaço físico e social propício a manifestações de violência e, ao mesmo tempo, crucial para o desenvolvimento de intervenções de prevenção e combate a este fenômeno. É preciso ter um olhar mais abrangente sobre uma realidade tão complexa como é o cenário escolar, superando a

visão reducionista de um ambiente heterogêneo e potencial desencadeador de violência para um espaço cujo papel ultrapassa a dimensão educativa, capaz de garantir o direito integral à vida, saúde e cidadania⁽¹¹⁾.

O presente estudo aborda uma realidade complexa de situações conflituosas vivenciada pelos adolescentes que compartilham o cenário escolar. A Teoria das Representações Sociais⁽¹²⁾, como caminho para um olhar compreensivo sobre este fenômeno, mostra-se favorável ao desvelamento da construção histórica e social da violência, pois, além de explicar os significados por eles criados, permitiu o exercício da reflexão e conscientização, influenciando positivamente seus comportamentos.

Neste sentido, problematiza-se para pesquisa a seguinte questão: qual a compreensão de adolescentes escolares sobre a violência no processo de escolarização? A partir daí, objetiva-se analisar a estrutura e o conteúdo das representações sociais de adolescentes escolares de uma escola da rede pública de ensino sobre violência escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, ancorado na Teoria das Representações Sociais e na Teoria do Núcleo Central, proposta por Moscovici (1961)⁽¹²⁾ e difundida por Abric (1994)⁽¹³⁾.

A Teoria das Representações Sociais incorpora em si conceitos a respeito de comportamentos, concepções, imagens, palavras, dentre outros elementos que fortalecem a sua pluralidade. Uma representação estrutura-se em uma parte figurativa e outra de significação, considerando que cada figura possui um significado e cada significado está ligado a uma figura, permitindo atribuir sentido a um objeto, a fenômenos sociais, a contextos em que estão inseridos, mediante uma representação⁽¹⁴⁾.

A Teoria do Núcleo Central, por sua vez, agrupa as possíveis representações sociais estabelecidas entre o sujeito e a sociedade em um sistema formado por um núcleo central e um sistema periférico. Deste modo, o núcleo central possui um valor rígido, que não modifica-se facilmente, figurativo de uma representação, enquanto o sistema periférico forma-se em seu entorno e, ao mesmo tempo, possui maior

flexibilidade e adapta-se ao ambiente imediato, protegendo o núcleo central⁽¹⁵⁾.

Este estudo foi desenvolvido com adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino, situada na região norte do Estado do Paraná. A referida instituição fica localizada na região central de um município de médio porte do interior paranaense e possui um total de 1.235 alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio, com funcionamento no período matutino, vespertino e noturno. Apesar de sua localização central, a escola também recebe alunos provenientes de bairros mais distantes e periféricos. Tais características subsidiaram sua escolha para campo de pesquisa.

Os participantes foram eleitos mediante aos critérios: estar regularmente matriculados na escola; possuir frequência assídua nas aulas. Os adolescentes que faltaram a aula no momento do convite para participação, e que não manifestaram interesse após duas tentativas de contato, não fizeram parte deste estudo. A seleção de alunos do terceiro ano ocorreu devido ao seu maior tempo de vivência na comunidade escolar.

A coleta de dados foi realizada nos meses de maio e junho de 2022 mediante a técnica de associação livre de palavras, em dois momentos distintos: o primeiro foi destinado a apresentação do estudo, esclarecimento de dúvidas e aplicação dos documentos de anuência previstos na norma ética vigente. No segundo momento, foi aplicado o questionário sociodemográfico e o Instrumento de Associação Livre de Palavras (IALP)⁽¹⁵⁾. Os encontros foram realizados presencialmente, em um local privativo disponibilizado pela instituição, conforme planejamento realizado junto à coordenação pedagógica.

O instrumento foi composto por três termos indutores com o objetivo de provocar a associação livre de palavras, sendo eles: 1) se eu pronuncio a palavra “violência”, o que lhe vem à mente?; 2) se eu uso a expressão “violência escolar”, o que lhe vem à mente?; 3) se eu digo as palavras “ensino”, “aprendizagem” e “violência”, o que lhe vem à mente? Logo, os participantes foram solicitados a atribuir cinco palavras que lhes vieram à mente a cada estímulo, priorizando palavras ou expressões isoladas, de modo a dar agilidade nas respostas, ponderando também a ordem de importância de cada palavra.

As palavras associadas foram distribuídas, organizadas e tratadas por meio do programa Excel da Microsoft Office®, versão 2016, obedecendo aos seguintes princípios: introdução do número de ordem dos participantes no estudo e as palavras por eles disparadas; transcrição em letra minúscula, no singular, sendo vetado “ç” e acentos; junção de palavras compostas por um hífen; e transformação de palavras sinônimas em uma única categoria.

O arquivo de Excel foi importado no *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (EVOC), versão 2005, em que os dados foram tratados e analisados em seus subprogramas, na seguinte sequência: definição do vocabulário (LEXIQUE); limpeza de erros de digitação (TRIEVOC) e palavras inúteis (NETTOIE); distribuição das palavras de acordo com sua frequência e ordem de posição (RANGMOT); e definição do núcleo central, elementos intermediários e periféricos (RANGFRQ).

As palavras evocadas foram agrupadas de acordo com sua ordem de frequência (F) e ordem média de evocações (OME), sendo distribuídas em um “quadro de quatro casas” ou Diagrama de Vèrges resultante do próprio software EVOC, que possibilitou o desenho do núcleo central e dos elementos periféricos das possíveis representações sociais dos adolescentes escolares acerca do objeto em questão. Este procedimento de análise foi realizado isoladamente com os três termos indutores aplicados.

Foi solicitado o consentimento informado aos responsáveis legais e participantes maiores de idade e o assentimento informado aos próprios adolescentes. O estudo buscou atender todas as diretrizes regulamentadoras da Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi autorizado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), conforme parecer de aprovação 5.385.842 e CAAE 57997422.4.0000.0104, em 03 de maio de 2022.

RESULTADOS

Participaram do estudo 54 adolescentes escolares matriculados no terceiro ano do Ensino Médio (100%). Destes, 29 eram do sexo feminino (53,70%) e 25 do sexo masculino (46,30%). A

idade prevalente foi de 16 a 17 anos (66,67%) e 18 estudantes eram maiores de idade (33,33%). Em relação às atividades, 28 adolescentes referiram apenas estudar (51,85%) e 26 estudar e trabalhar (48,15%), e passaram a maior parte da vida escolar em escola pública (94,44%). Cerca de 36 adolescentes (66,67%) eram provenientes de famílias não convencionais – aquelas dirigidas por pais solos e/ou com a presença de avós e tios.

No que tange aos resultados que tratam da temática central do estudo, os adolescentes escolares associaram palavras que rapidamente lhes vieram à mente mediante aos termos indutores “violência”, “violência escolar” e “violência, ensino e aprendizagem”, dando origem à estrutura e ao conteúdo das possíveis representações sociais acerca do objeto em estudo, que serão apresentadas em um “quadro de quatro casas” ou Diagrama de Vêrges. A ponderação das palavras mais importantes pelos participantes foi definida a partir da ordem de

associação de cada termo indutor.

O primeiro quadrante agrupa elementos que foram evocados com maior frequência e que prontamente vieram à lembrança dos participantes, constituindo o núcleo central das possíveis representações. No segundo e terceiro quadrante, é possível visualizar as palavras evocadas em alta frequência e aquelas que ocuparam as últimas posições, em baixa frequência evocadas primeiramente, formando os elementos intermediários. No quarto e último quadrante tem-se os elementos periféricos e mais afastados do núcleo central.

Deste modo, no que se refere à palavra “violência”, os adolescentes associaram 270 palavras, sendo 74 diferentes. Após seu agrupamento, é possível observar no primeiro quadrante que a “violência física” obteve maior frequência e baixa ordem média de evocação, constituindo o núcleo central das possíveis representações, conforme Quadro 1.

Quadro 1. Distribuição das palavras associadas ao termo indutor “violência”.

Elementos centrais – 1º quadrante			Elementos intermediários – 2º quadrante		
Alta frequência e baixa ordem média de evocações F >10 e OME <2,5			Alta frequência e alta ordem média de evocações F >10 e OME >2,5		
Violência física	70	2,42	Violência verbal	35	3,00
			Violência psicológica	15	3,13
			Bullying	15	3,00
			Medo	11	2,81
Elementos intermediários – 3º quadrante			Elementos periféricos – 4º quadrante		
Baixa frequência e baixa ordem média de evocações F <10 e OME <2,5			Baixa frequência e alta ordem média de evocações F <10 e OME >2,5		
Abuso	7	1,85	Dor	8	3,25
			Morte	6	2,50
			Racismo	6	4,00
			Trauma	6	2,66
			Ameaça	5	3,80

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No segundo quadrante aparecem os vocábulos “violência verbal”, “violência psicológica”, “bullying” e “medo” em alta frequência e alta ordem média de evocação, seguida de “abuso”, no terceiro quadrante, com baixa frequência e baixa ordem média de evocação, como elementos intermediários. Na periferia, as palavras “dor”, “morte”, “racismo”, “trauma” e “ameaça” foram associadas em baixa frequência e alta ordem média.

Em seguida, os adolescentes escolares procederam à associação de palavras que melhor ilustrassem suas possíveis representações acerca da expressão “violência escolar”, totalizando 270 palavras com 75 diferentes entre si. Assim, foi possível constatar que o “bullying” foi o tipo de violência evocado em alta frequência e baixa ordem média, representando a expressão que imediatamente veio à lembrança dos participantes, conforme Quadro 2.

Quadro 2. Distribuição das palavras associadas ao termo indutor “violência escolar”.

Elementos centrais – 1º quadrante			Elementos intermediários – 2º quadrante		
Alta frequência e baixa ordem média de evocações F >10 e OME <2,5			Alta frequência e alta ordem média de evocações F >10 e OME >2,5		
Bullying	42	1,66	Violência física	36	3,08
			Violência psicológica	15	3,40
			Violência Verbal	15	3,00
Elementos intermediários – 3º quadrante			Elementos periféricos – 4º quadrante		
Baixa frequência e baixa ordem média de evocações F <10 e OME <2,5			Baixa frequência e alta ordem média de evocações F <10 e OME >2,5		
			Zombaria	8	2,62
			Intrigas	7	2,71
			Preconceito	6	3,83
			Desrespeito	6	3,00
			Racismo	6	2,83
			Ameaça	6	2,66
			Abandono	5	4,20
			Medo	5	3,40
			Discriminação	5	3,20
			Autoridade	5	2,60

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O segundo quadrante é composto pelos vocábulos “violência física”, “violência psicológica” e “violência verbal”, em alta frequência e alta ordem média de evocações, como elementos intermediários das representações. Em relação ao terceiro quadrante, não houve agrupamento de palavras em baixa frequência e baixa ordem média de evocações como elementos intermediários.

Na periferia, foram agrupadas as palavras

“zombaria”, “intriga”, “preconceito”, “desrespeito”, “racismo”, “ameaça”, “abandono”, “medo”, “discriminação” e “autoridade”, em baixa frequência e alta ordem média de evocações. A distribuição destes vocábulos pressupõe uma certa interação entre o núcleo central com os elementos periféricos, um na condição de rígido a mudanças e outro como modificável, oportunizando transformações.

Quadro 3. Distribuição das palavras associadas ao termo indutor violência, ensino e aprendizagem.

Elementos centrais – 1º quadrante			Elementos intermediários – 2º quadrante		
Alta frequência e baixa ordem média de evocações F >10 e OME <2,5			Alta frequência e alta ordem média de evocações F >10 e OME >2,5		
			Abandono escolar	21	2,85
			Desinteresse	20	3,20
			Violência física	12	3,00
			Prejuízo escolar	12	2,66
			Abalo psicológico	11	3,09
			Depressão	11	2,54
Elementos intermediários – 3º quadrante			Elementos periféricos – 4º quadrante		
Baixa frequência e baixa ordem média de evocações F <10 e OME <2,5			Baixa frequência e alta ordem média de evocações F <10 e OME >2,5		
Escola	6	2,16	Vícios	8	3,75
			Preguiça	7	3,57
			Medo	7	3,00
			Ansiedade	7	2,57
			Pedagogo	6	2,83
			Dor	5	3,60
			Preconceito	5	3,60
			Ensino	5	3,00
			Bullying	5	3,00

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Ao buscar estabelecer eventuais relações entre violência e o processo de escolarização, os adolescentes foram provocados a associarem palavras que representassem a “violência, ensino e aprendizagem”, resultando em 270 palavras, e 104 apontadas como diferentes. Nesta etapa, observou-se que o número de evocações em alta frequência e baixa ordem média de evocações foi insuficiente para configurar o núcleo central. Contudo, isto não inviabilizou discussões acerca das possíveis representações deste fenômeno.

Este resultado possibilita compreender que os adolescentes escolares não possuem uma representação homogênea acerca das implicações e consequências da violência no processo de ensino e aprendizagem, tornando o desenvolvimento de atividades e intervenções de conscientização antiviolência uma estratégia profícua à mudança de paradigmas e de suma importância para a transformação de comportamentos.

Como elementos intermediários da associação de palavras, foram elencados “abandono escolar”, “desinteresse”, “violência física”, “prejuízo escolar”, “abalo psicológico” e “depressão”, apresentando alta frequência e alta ordem média de evocação, seguidos de “escola”, com baixa frequência e baixa ordem média de evocação. Na periferia distante, houve predominância dos vocábulos “vícios”, “preguiça”, “medo”, “ansiedade”, “pedagogo”, “dor”, “preconceito”, “ensino” e “bullying”, com baixa frequência e alta ordem média de evocação, compondo assim, os elementos periféricos.

Devido à proximidade semântica, algumas palavras foram convertidas em um único termo ou expressão, sendo elas: socos, tapas, chutes, bater, dar pauladas, puxar cabelo, empurrar, apanhar, hematomas e ferimentos, que foram aglutinadas por meio do uso da expressão “violência física”; falta de educação e ultraje foram substituídos pelo termo “desrespeito”; discutir, gritar, xingar e apelidos, foram condensados pela expressão “violência verbal”; e palavras como fofocas e provocações foram convertidas no vocábulo “intrigas”.

Além destas, o termo “prejuízo escolar” foi empregado como substituto para notas baixas, dificuldade no aprendizado e faltas; as palavras angústia e emoção foram convertidas em “abalo psicológico”; o vocábulo “vícios” incorporou as

palavras álcool, tabagismo e abuso de substâncias; e o vocábulo “preconceito” substituiu a palavra homofobia.

DISCUSSÃO

A violência física e o *bullying* configuraram o núcleo central das possíveis representações dos adolescentes escolares acerca da violência e da violência escolar, respectivamente. Também foram atribuídos sentimentos de medo, abuso e racismo a violência e zombaria, intrigas e ameaças a violência escolar, conforme periferias das possíveis representações. No que se refere à violência no processo de ensino e aprendizagem, representações de depressão, ansiedade, desinteresse e abandono foram descritas pelos adolescentes escolares.

A violência praticada entre jovens em idade escolar não pode ser reconhecida somente quando manifesta de forma física, ou seja, por episódios de empurrões, socos e chutes, mas, também, pelas manifestações mais sutis como ameaças, intimidação, brincadeiras inadequadas e assédio, características da violência psicológica (*bullying*). A escola assume um papel dubio, pois, ao mesmo tempo que apresenta-se como um ambiente integrador, pluralista e diverso que reúne num mesmo espaço físico indivíduos desiguais do ponto de vista biopsicossocial, também transforma-se em palco para ocorrência de diferentes formas de violência, já que as diferenças e desigualdades, muitas vezes, potencializam situações conflituosas e intolerância⁽⁵⁾.

Os indícios mostraram que a escola constitui um cenário importante do viver destes indivíduos e propícia ao exercício de vários comportamentos e práticas próprias da adolescência. Por isso, é preciso reconhecer como a escola se organiza e se estabelece enquanto espaço voltado à educação e formação, a maneira que desempenha seu papel frente a socialização dos indivíduos, a forma que os prepara para lidar com as pluralidades e as medidas que vem adotando (ou pode adotar) para garantir seus direitos e proteção, observada a condição de vulnerabilidade da clientela escolar⁽¹⁶⁾.

Além de ser vista como um espaço de pertencimento e identidade para os adolescentes, pois é o local onde passam a maior parte de seu

tempo e de preparação para a vida adulta, a escola também pode evidenciar outros aspectos do viver humano. Assim, desigualdades, relações fragilizadas, negligência familiar e sistêmica, violência intrafamiliar, entrada ilegal de substâncias lícitas e ilícitas e queda de desempenho escolar são problemas cada vez mais presentes na realidade escolar que aumentam a probabilidade de violência, exigindo esforços crescentes para sua identificação, enfrentamento e prevenção⁽¹⁷⁾.

Dentre os fatores que motivam a violência é notório o preconceito, racismo e discriminação, os quais, que, na maior parte dos casos, relacionam-se com questões de conformação corporal, padrões estéticos e mercadológicos e de orientação sexual que não se enquadre à heterossexualidade. Com isso, propaga-se a ideia de que o corpo gordo é fruto de hábitos inadequados e de descontrole alimentar, enquanto o corpo esbelto, é invariavelmente associado ao ideal estético e sinônimo de saúde adequada. De forma similar, as questões de gênero são sempre relacionadas a uma pseudo normatividade heterossexual, de modo a considerar pessoas que não sigam estes padrões como indignas e depravadas, outorgando aos demais, o falso direito de promover ódio, repulsa e fobia a essas pessoas⁽¹⁸⁾.

Ao corroborar com os achados, com a evocação de palavras como depressão e abalo psicológico, estudos indicam que possíveis sinais de tristeza, baixa autoestima, isolamento social, transtornos psíquicos, automutilação e problemas psicossomáticos podem advir de forma acentuada, prolongada e recorrente entre os adolescentes que sofrem violência. As repercussões da violência transcendem a integridade física e se estendem à esfera emocional, pelos sentimentos de vergonha e humilhação, e à esfera social, representada pelo desinteresse pela vida escolar, prejuízos nas relações interpessoais e comportamentos antissociais⁽¹⁹⁾.

Estudos apontam um vasto número de adolescentes fora da escola, sobretudo meninos negros, de baixa condição econômica, em decorrência das desigualdades presentes na sociedade. Embora subnotificados, estes índices não são muito diferentes entre pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis,

transexuais, *queers*, intersexos, assexuais, pansexuais e mais (LGBTQIAP+), considerando o elevado número de reprovação, evasão e abandono escolar nesta parcela da população. As narrativas de quem vivencia tal realidade, trazem à tona situações de chacota, discriminação, preconceito e violência, favorecendo cada vez mais sua segregação e negação à escola, principalmente entre pessoas trans e travestis⁽⁷⁾.

Por esse motivo, a escola tem de compreender com maior profundidade os meandros desta problemática, de tal forma a buscar construir meios mais efetivos para seu enfrentamento, instrumentalizando seus recursos humanos; adicionando estratégias e alternativas didáticas capazes de combater a violência; atuando de maneira conscientizadora para o respeito às diferenças; abordando temas correlatos à violência e ao *bullying* na perspectiva de sua prevenção; adotando mecanismos que estimulem o envolvimento da comunidade e da família para a discussão e combate à violência intra e extraescolar⁽¹⁶⁾.

Os resultados deste estudo asseveram o papel da escola, junto a outros setores da comunidade, como elo da rede de proteção de crianças e adolescentes contra os impactos da violência na sociedade. Neste contexto, a atuação dos serviços de saúde e educação, de forma intersetorial, articulada e multidisciplinar, é um componente basilar para administrar conflitos e defender os direitos dessa população. A proposição de um currículo que valorize a cultura da paz, por meio de atividades extracurriculares proveitosas; promovendo o respeito às diferenças; e valorizando a autoestima das diversas pessoas, consolida um caminho para extinguir a violência nestes espaços de formação de cidadãos futuros^(19,20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilita delinear os contornos da violência na escola, a partir das representações sociais de adolescentes que vivenciam o cotidiano escolar. A evocação de palavras trouxe à tona, o destaque da violência física, dada à fácil detecção deste fenômeno no plano objetivo, dos comportamentos manifestos sob a forma de agressões e outras formas de conflito. A presença desta forma de violência não

inviabilizou a consideração de outros tipos de violência, mas, ao contrário, permitiu evidenciar a existência de uma rede de comportamentos diferentes que compõem um mosaico de violências, incluindo formas ditas mais sutis, como a violência psicológica, representada pelas situações de *bullying*.

A ausência de confronto físico pode levar a um falso diagnóstico de ausência de eventos violentos e, ao mesmo tempo, possibilita mascarar e minorizar outras formas de violência e comprometer ações de combate a tais situações. Nesta perspectiva, cabe a escola transcender seu papel para além do ofício educativo e viabilizar ações e estratégias em colaboração com outros setores da sociedade, no intuito de promover o exercício do respeito, da tolerância e da cultura da paz. A falta de um núcleo central sobre violência e o processo ensino e aprendizagem revela que os adolescentes não possuem uma representação de

suas repercussões ou desdobramentos no processo de escolarização, o que inspira ainda mais intervenções conscientizadoras para a transformação de realidades.

O estudo traz contribuições para profissionais da educação e áreas correlatas na promoção de práticas de boa convivência e respeito na escola, destacando-a como *locus* profícuo para o desenvolvimento de ações de combate e prevenção a violência. No decorrer do estudo, o fator limitador mais preponderante foi a suspensão temporária das aulas presenciais durante o período de pandemia do vírus Coronavírus, que impossibilitou estudar este fenômeno na perspectiva de outros indivíduos e sistemas de ensino. Embora o estudo tenha suas potencialidades e fragilidades, trata-se de um recorte populacional, portanto, sugere-se novos olhares para o alcance de outras realidades.

QUALITY OF HIGHER NURSING EDUCATION: A CONCEPT ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF EDUCATIONAL TRANSFORMATION

ABSTRACT

Objective: to grasp the concept of Quality of Higher Nursing Education by analyzing literature and the perceptions of those involved in this context, focusing on educational transformation. **Method:** We conducted an exploratory qualitative study grounded in Concept Theory and the Concept Analysis Method, encompassing three phases: theoretical, empirical, and analytical. **Results:** The concept incorporates antecedents and attributes related to cultural competence and globalization, with outcomes aligned with societal needs, focusing on the formal structures of regulatory institutions and the classical model of quality in structure, process, and outcome. **Conclusion:** The analyzed concept captures the social, political, and economic dimensions inherent in the organization and management of the educational process, linked to institutional, cultural, economic, and social aspects involving academic activities and programs, the commitment of those involved, and the development and technological innovation for education and care.

Keywords: Education Nursing. Nursing Education Research. Education. Higher.

VIOLÊNCIA ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

RESUMEN

Objetivo: analisar a estrutura e o conteúdo das representações sociais de alunos de uma escola da rede pública de ensino a respeito da violência no âmbito escolar. **Método:** estudo qualitativo, ancorado na Teoria das Representações Sociais e Teoria do Núcleo Central. A produção dos dados aconteceu em maio e junho de 2022 mediante a técnica de associação livre de palavras, cujas evocações livres foram analisadas e processadas pelo *Software Ensemble de Programmes Permettant L'analyse des Évocations* – EVOC, versão 2005. **Resultados:** participaram do estudo 54 adolescentes escolares matriculados no Ensino Médio de uma escola pública, que associaram palavras mediante o uso de termos indutores, tendo como núcleo central para o termo *violência* o elemento violência física; para *violência escolar* o elemento *bullying*; e sobre a *violência no processo ensino e aprendizagem* não houve figuração de nenhum elemento central. A zona periférica foi composta pelos elementos: violência verbal, abuso, dor, zombaria, intrigas, abandono escolar, desinteresse e abalo psicológico, respectivamente. **Considerações finais:** as possíveis representações reforçaram a necessidade de inserir a temática violência e *bullying* de forma mais ampla nas discussões de planejamento escolar, como forma de reconhecer sua importância e promover seu combate e prevenção.

Palabras clave: Violência. Adolescente. Escolaridade. Enfermagem. Representações Sociais.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, M. da C. R.; ROSA, K. C. O.; BARBOSA, M. V. M. A violência escolar e a elevação da criminalidade urbana. *Rev. Humanidades & Inovação*, v. 6. n. 7. p. 119-127. 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1329>.
2. OLIVERA, C. E.; YUPANQUI-LORENZO, D. Violencia escolar y funcionalidad familiar em adolescentes con riesgo de deserción escolar. *Rev. Ciente. UCSA*. 2020. dez; 7(3): 3-13. DOI: <https://doi.org/10.18004/ucsa/2409-8752/2020.007.03.003>.
3. SIBIONI, R. L. Políticas públicas para juventudes no Brasil e vulnerabilidades juvenil à violência. *Rev. Cienc. Educ.* 2019. jan/jun; 43: 201-225. DOI: <https://doi.org/10.19091/revced.vi0.751>.
4. SOARES, L. S.; ALVES, Y. R.; MONIZ, M. A.; SOUSA, D. B.; SALES, J. L. Lifestyle and health risks to adolescents and young people. *J. Res. Fundam. Care*. 2019. jul/set; 11(4): 1025-1030. DOI: [10.9789/2175-5361.2019.v11i4.1025-103](https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i4.1025-103).
5. GONZÁLES-MORENO, A.; MOLERO-JURADO, M. del M. Conductas prosociales y violencia escolar en la adolescencia: una revisión sistemática con enfoque cualitativo. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*. 2023. 35(1), 143-166. DOI: <https://doi.org/10.14201/teri.28629>.
6. ZEFERINO, A. M.; KALINOSKI, A.; TEIXEIRA, G. T.; COSTA, L. D.; ZONTA, F. N. S. Risk factors in adolescents of private education institutions in a city of Paraná. *Ciênc., Cuid. Saúde*. 2019. jul/set; 18(3): e45853. DOI: <https://doi.org/10.4025/ciencidsaude.v18i3.45853>.
7. BRASIL. Ministério da Economia. Atlas da Violência 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA. Fórum Brasileiro de Pesquisa Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/6363-atlasdaviolencia2019completo.pdf>.
8. WAISELFISZ, J. J. Homicídios de crianças e adolescentes no Brasil. Notas de Homicídios 4. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé: 2017. Disponível em: https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2017/12/2017-12-04-Homicide-Dispatch_4_PT.pdf.
9. BRASIL. Ministério da Economia. Atlas da Violência 2020. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA. Fórum Brasileiro de Pesquisa Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>.
10. UNESCO. Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. – Brasília: UNESCO, 2019. 54 p., il. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092/PDF/368092por.pdf.multi>.
11. SILVA, E. H. B.; NEGREIROS, F. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. *Rev. Psicopedag.* 2020. 37(114): 327-340. DOI: <http://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20200027>.
12. MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareshi. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes: 2017.
13. ABRIC, J. C. Représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, J. C. (ed.). *Pratiques sociales et représentations* (pp. 11-36). Paris: Presses Universitaires de France. 1994.
14. SILVA, S. E.; CAMARGO, B. V.; PADILHA, M. I. A Teoria das Representações Sociais nas pesquisas da enfermagem brasileira. *Rev. Bras. Enferm.* 2011. set/out; 64(5): 947-951. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000500022>.
15. SÁ, C. P. Núcleo Central das Representações Sociais. Rio de Janeiro: Vozes: 1996.
16. ABRAMOVAY, M. Violências na Escola, sob o olhar de Miriam Abramovay. *Dialogia*. 2019. mai/ago; 32:4-9. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.N32.14446>.
17. GOMES, G. M. R. B. G.; BITTAR, C. M. L. Teachers and students' perceptions about school violence: a qualitative study. *Psicol. Esc. Educ.* 2021. 25: 1-9. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021223900>.
18. BONETTO, P. X. R.; GONÇALVES, B. C. Bullying gordofóbico na educação física escolar: a perspectiva dos/as professores/as. *Temas. Educ. Fís. Esc.* 2022. jan/dez; 7(1): 1-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.33025/tefe.v7i1.3179>.
19. ARRÚA, A. L. A.; SALES, A. S.; HOLANDA, F. M. P. P.; SILVA, G. G.; OLIVEIRA, I. C.; MOURA, S. D. O. Violência escolar. *Psic. Saberes*. 2019. 8(10): 170-177. DOI: <https://doi.org/10.3333/ps.v8i10.884>.
20. COSTA, T. R. L. da; MARCHETTI, M. A.; TESTON, E. F.; SOLON, S.; MARQUES, F. B.; KNOCH, M.; BEZERRA, A. M. Health education and adolescence: challenges for family health strategy. *Ciênc., Cuid. Saúde*. 2020. out. (19): e55723. DOI: <https://doi.org/10.4025/ciencidsaude.v19i0.55723>.

Endereço para correspondência: Diego Raone Ferreira. Avenida Colombo, 5790, Zona 7, Maringá-PR, CEP: 87020-900. E-mail:

Data de recebimento: 19/06/2024

Data de aprovação: 06/08/2024

Apoio financeiro

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001